q869.9
P2835m

The person charging this material is responsible for its return to the library from which it was withdrawn on or before the **Latest Date** stamped below.

Theft, mutilation, and underlining of books are reasons for disciplinary action and may result in dismissal from the University.

UNIVERSITY OF ILLINOIS LIBRARY AT URBANA-CHAMPAIGN

MAR 23 1978

MAR 23 1978

L161—O-1096

MUIRAKITANS

Poemas

DO

Paraiso Verde

Illustrados pelo autor

EX-LIBRIS

DE

C. PAULA BARROS

RIO DE JANEIRO 1928

q869.9
P2835m

Muirakitans

(LENDA)

Ao Professor Daltro Santos.

Contam que as Amazonas, em certa época do anno, ao chegar dos guerreiros vizinhos, recebiam da mãe das pedras verdes, no fundo do lago da lua, os seus talismans — Muirakitans e offertavam-nos, depois, áquelles de quem concebessem uma filha.

Lat Am

UNIVERSITY OF
ILLINOIS LIBRARY
AT URBANA-CHAMPAIGN

Digitized by the Internet Archive
in 2025 with funding from
University of Illinois Urbana-Champaign

https://archive.org/details/muirakitanspoema00paul

MUIRAKITANS

(LENDA)

Nos recantos do lago, a luz da lua cheia,
Dos corimbos das mattas através,
Brilha, reluz, lantejouleia,
Entre a victoria-regia e os mururés.

E é tão grande o descanso
Do somno em que se abysma a natureza !...
A noite esplende !... e os astros no remanso
Parecem brasas sobre a correnteza.

E' a hora em que a mãe d'agua, os cabellos verdosos,
Ergue-os do limo a gottejar.
E tem nos olhos tenebrosos
Phosphorescencias verde-mar;

E' a hora dos sacis, da matintaperêra,
Curupiras do bosque, "espiritos do fundo"...
Que a floresta de ha muito adormecera
Para as festas das almas do outro mundo...

Nesse encanto, porem, um rumor cavalleiro
Estala, estrepitoso, o arvoredo sombrio ·
— Amazonas ! E vêm num canto alviçareiro
Buscar muirakitans nas lagoas do rio...

Pelas praias do lago a cavalgada ronda,
Aos vidrilhos de prata do luar;
Dizem que existe ahi a rutila morada
Da mãe das pedras verdes, encantada
Em uma oyara tutelar...

Era sempre em abril, quando a sélva sorria,
Ao vir do plenilunio, entre o balsedo em flor,
Que a tribu feminil, de outras greis recebia
Os guerreiros de escól, para as bôdas de amor.

Ia bailar, depois,
No silencio da brenha, em profundo mysterio,
Pelo mais invio das rechans,
No lago da Yaci, como num baptisterio,
Receber da mãe d'agua os seus muirakitans.

....

E eil-as a procurar, rebuscando as areias,
Sob o glauco crystal no limpido lençol,
Com a graça sensual das languidas sereias,
Antes do sol, chrysolitho, romper
Os casulos de ouro do arrebol.

...E ao vir a madrugada azul
Debuxar-lhes da tez a côr trigueira e núa
— Deixam, boiando a sós, abandonadas na agua,
As regias florações sorvendo, magua a magua,
As lagrimas da lua !..................

....

E um dia,
Ao guerreiro feliz que uma filha deixava
Na taba feminina, aguerrida e pagã
— A Amazona, entre beijos, lhe mandava
O seu muirakitan.

A TERRA

As Florestas
Os Campos
Os Rios

As Florestas

Pelas espheras rutilas do espaço
O sol abrasador nas saphiras do azul
Refracta-se, doirando as frondes das florestas,
Prismatizado em limpidas arestas,
Demandando o paul.

Em baixo, sob a matta e no verdor umbroso,
Mundos galgam os ceos: metallicos madeiros
Em rijas contorções; no enredo dos cipós,
Das sapopemas, das embiras, das lianas,
Cataléas, tajás e mamoranas,
Sumaumeiras e timbós;

Gigantes cumarús, na altura os castanheiros,
Paos-d'arco e piquiás, acapús e assahys,
Palmeiras de tucuns e apuhyseiros
Espartilhando ingás e urucuris;

Perfumes de pao-rosa e macaca-poranga,
Cipó-catinga e baunilhaes em flor;
Da seringueira os frutos de missanga
Rolam dos verdes na infindavel côr.

E' o dominio das selvas, no mysterio,
Na grandeza de um sonho que sonhou
O coração em festa,
Do genio que a floresta
Da Minha Terra semeou.

De longe, cerro o olhar, e vejo alegre, o bando
Das garças, dos guarás, dos mutuns, dos te-téos;
Das arapongas martelando
O azulado crystal daquelles céos.

E nas espheras rutilas do espaço,
O sol, aquelle sol, das saphiras do azul,
Na esmeralda dos topes das florestas,
Diffunde o beijo de ouro das arestas,
Sem poder attingir os bordos do paul.

OS CAMPOS

A Djalma Cardoso.

Céos longinquos, purissimos, de sol,
Horisonte perdido em leguas pelo alem.
— De um lado é o berço de ouro do arrebol,
No extremo opposto o marchetado escrinio
Que as opalas da tarde e as perolas contém:

E' o campo. Campos da Minha Terra!
Relvas cheirosas e louçãs,
Sem as sombras de um pincaro de serra,
Amplidão de oceano aberto em rosas,
No encanto das manhãs.

Depois —
— Sob o braseiro azul do firmamento
Do meio-dia á morna quietude:
Os campos cantam, pela voz do vento,
A vida e a saude!...

As malhadas do gado,
Os ranchos dos vaqueiros, os curraes,
As velhas caiçaras junto aos rios,
Aquelles bois sempre gemendo em ais
Praguejando os estios.

Nas rosas do sol-pôr:
Asas de pombas brancas, borboletas,
Gemer de Ave-Maria e de Trindades,
Despetalar de violetas,
De papoulas, de goivos, de saudades.

E o olhar perdido alonga-se á distancia:
Languido o céo a terra circumscreve...
Vêm surgindo as estrellas do capim,
Por entre as asas tremulas de neve,
Das garças brancas de alfenim.

OS RIOS

Potamicos lençoes distendem-se na terra;
São brejos, paranás, lagoas, igapós,
Mansos igarapés de millenarias maguas,
E as torrentes caudaes e os rios que, foz em foz,
Se anastomosam entrechocando as aguas.

A gleba tumultuaria em formação !
Incessante rolar dos sedimentos
— Desde o barranco á areia do torrão
Desaggregada pelos ventos.

Que continuo labor, que mundos de viagem !
Aqui surge uma ilha á tona — Alluvião !
Desaparece alem a alfombra da pastagem
— E' a enchente ! A convulsão !
E vae-se tudo... E tudo na voragem
Se fragmenta e parte de roldão !...

E a agua aos gorgolões — arrebenta e derriba:
E' a folha que se vae, a formiga, o madeiro,
O ninho que morreu, a choça que ruiu,
O boi que se afogou, a canôa que a giba,
O leme e os gurupés, o vendaval partiu...

Alem
areias brancas, trepadeiras
Florindo, ribeirinhas das caudaes;
Abaixo estremecer de cachoeiras
Colossaes.

Coroando o estendal das remansosas vagas
Num sonho nupcial, a fronte branca e egregia
Abre em sorrir de neve, embalsamando as fragas,
A Victoria regia.

O HOMEM

As Duas Forças
A Enchente
Natal

AS DUAS FORÇAS

No luminoso ambito encantado
Daquella natureza — a alma fraterna
Sob o maravilhoso pallio do Equador,
Canta a poesia eterna
Do meu amor:

Amor da Minha Terra,
Amor daquelles céos,
Sonho da mesma fé...

E emquanto o Grande Rio dos Andes se despenha
Em cascatas de espuma,
Irisadas ao sol,
Desce, serpeia, de uma em uma,
As cristas das montanhas,
Se espreguiça, depois, no valle e na planicie,
Galgando em singradura os estirões, pelas entranhas
Da selva millenaria...
E vae... corre e entumece o dorso e viajeiro,
Distendendo os tentaculos sem fim,
Desaggrega, dissolve e leva a gleba tumultuaria...
E cresce, e corre mais e se avoluma e em rebojões
Enche, transborda e se extravasa,
Devastando e levando em gorgolões,
Através da planura,
A morte, a vida, a miseria, a fartura:

O Homem, perdido e só

Contra as furias de todos os titans,
Lucta e progride!... E vence
As florestas e os rios, as brenhas e as terçãs.
Os campos e as caudaes...

E vae, sereno e bom,
A esmeralda da selva lapidando,
A Terra virgem edificando,
Em rutilantes cathedraes.

A ENCHENTE

A Jurandyr Picanço

Noite branca de lua.
Por entre os jiquiris da planicie alagada
A "montaria" fluctúa.

De subito
Vem a enchente e sobe e assustadoramente
Ganha o barranco acima e, plaga a plaga,
Redomoinhando em turgida corrente,
Vasa, transborda e o campo immenso alaga !

Que furias, que titans, que cyclopes lutando
Na desaggregação de um mundo viajeiro,
Levando sobre o dorso, de roldão,
Desde a formiga ao secular madeiro,
Baralhados na mesma convulsão !

E a agua cresce... e sobe mais e mais ainda.
E tudo o que restava e tudo o que medrou,
A voragem infinda
Para o ignoto infindo carregou.

Tremem os espeques da palhoça,
Chora de medo uma criança...
E o velho pae olhando a criação e a roça
Tem um momento de desesperança...

E a "montaria" fluctúa
Presa a um espeque ao limiar da ponte,
Naquella noite esplendida de lua !

Ao vir do sol,
Num adeus de angustia e magua e de saudade,
Fugindo a cheia pelo igarapé
— aquella gente perde tudo — a terra, a herdade,
Só não perde a fé !...

. . . .

Pouco tempo depois — outra palhoça,
Outros gallos cantando, a mariscar;
O fumo, a mandioca, o milho, a roça !
E numa noite esplendida de lua,
Uma viola de ouro a pontilhar...

E a "montaria" fluctúa
Presa a um espeque ao limiar da ponte
Como um velho caimão a descansar.

NATAL

Cae sobre o campo, como um pallio aberto,
A noite estrellejada do sertão.
Vibra ao relento um borborinho incerto
De canto e de cração...

São foliões e vêm de longe, cavalgando,
De longe, muito longe!... E as pastorinhas,
Em mil requebros cirandando,
Em volta das lapinhas,

Cantam pelo caminho, estrada em fóra.
Sons de pandeiro e de ganzá...
E' a hora
Das danças do boi-bumbá.

Vestindo a capellinha accesa e branca
Esmalta-a o ouro e a prata do luar!
Desprende a alma ingenua e franca
A sonhar e a rezar...

Emquanto o sino da fazenda:
Natal! Natal! Natal!...
A prece vôa em offerenda,
Liberta de todo o mal

Tocam violas, violões, sanfonas,
Crepita o fogo das fogueiras;
Perfumes de mangeronas,
De resedás e roseiras.

E já manhã, sol radiante,
Adeus estrellas e lapinhas,
Foliões já vão distante,
Dormem, sonhando as pastorinhas...

Vendo, talvez, no sonho que se enflora,
Tomadas de canseira...
— trazer Nossa Senhora
Veos de flor de laranjeira...

E vae-se o tempo... de novo:

Segredos de namorados,
Juras, promessas de amor,
Noite de festa, reisados,
Morenas cheirando a flor.

AS LENDAS

O Curupira
Flor do Igarapé
Irapurú
O Boto
Matintaperêra
A Boiuna

O CURUPIRA

(LENDA)

A Olegario Marianno

E' o demonio da floresta, morando no óco das sapopemas, de onde sae, á noite, para vaguear entre os silvedos, pés voltados para trás, cabriolando, macabro, espalhando por onde passa todos os maleficios.

Canta no alto a "mãe da lua",
Noite escura e de medo,
Florestas virgens a dormir...
E pela sombra extrema,
Nas dobras de uma enorme sapopema,
Uns olhos glaucos a luzir.

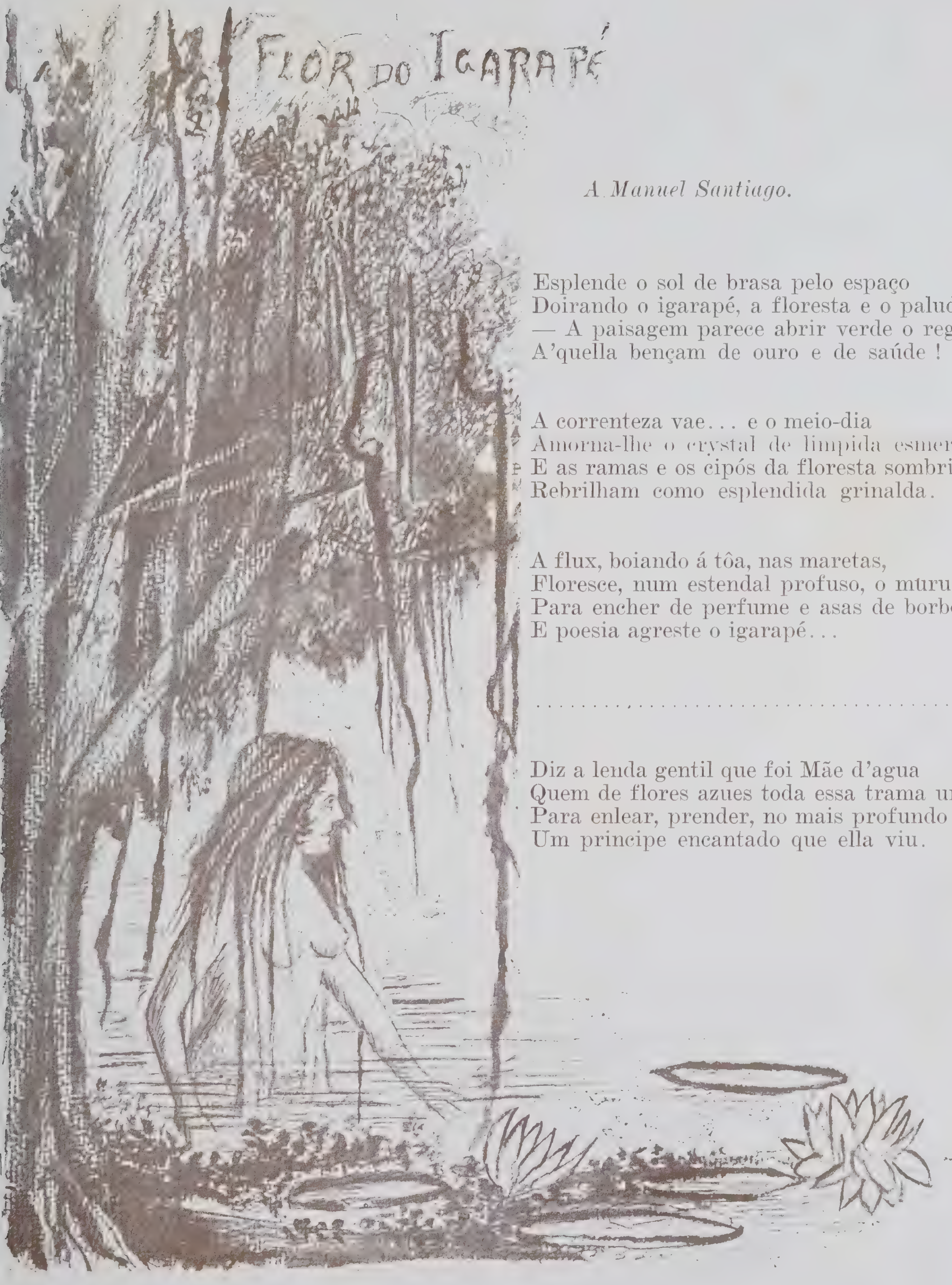
Macabras risadinhas de capeta,
Labio crispado em convulsões grunhindo,
Gargalhadas sinistras e assobios;
Pés retorcidos, celeres, fugindo.
Cabriolando — indo e vindo,
Em capengados rodopios...

E vae... finge dobrar a encruzilhada...
Subito volta, escancarando a bocca,
Numa risada
De caveira louca!

Torna a fugir,
Estridúla uma vaia,
Num aceno glacial de pallido duende,
E salta e corre e vira e se entocaia,
E meneia mortifera zagaia,
O negro dorso em contorções distende!

Treme a floresta. A dança continúa...
E que estranho rim-rim de dentes a ranger!
Até que a madrugada se insinúa
A romper...

E, manhã cedo,
Ao ruflar da primeira ása que acordou,
O vento em turbilhões vae varrendo o folhedo,
Que á noite o CURUPIRA derribou.



A Manuel Santiago.

Esplende o sol de brasa pelo espaço
Doirando o igarapé, a floresta e o palude;
— A paisagem parece abrir verde o regaço
A'quella bençam de ouro e de saúde !

A correnteza vae... e o meio-dia
Amorna-lhe o crystal de limpida esmeralda...
E as ramas e os cipós da floresta sombria
Rebrilham como esplendida grinalda.

A flux, boiando á tôa, nas maretas,
Floresce, num estendal profuso, o mururé,
Para encher de perfume e asas de borboletas
E poesia agreste o igarapé...

....

Diz a lenda gentil que foi Mãe d'agua
Quem de flores azues toda essa trama urdiu :
Para enlear, prender, no mais profundo da agua,
Um principe encantado que ella viu.

IRAPURÚ

(LENDA)

A Jaime Ovalle.

... e o canto do pequenino passaro attrahe todas as aves que o ouvem, apaixonadamente, magneticamente...

E elle vôa, e as asas, ainda inebriadas seguem-no, lembrando na pompa do cortejo, um deus rasgando o anil e o ouro das manhãs.

E é por isso que o adoram.

Elle é talisman de amor...

Dizem que na Amazonia, ao centro das florestas,
Pelo mais invio dos rincões,
A's vezes surgem asas em festas,
Nas manhãs quentes dos verões.

Adejam, a procurar na verdura da matta,
Estonteadamente, léo em léo,
Onde a garganta em vibrações desata
Uma ave magica, do céo.

Tem meiguice e dulçor, gorgeio apaixonado;
E é talvez, a voz de um manitú,
Num passaro encantado,
Num pequenino Irapurú.

Nem os euros siquer, replangendo em segredos
Gemem e sibilam pelo ar.
Emmudecem-se as ramas e os balsedos
Para o cantor não perturbar...

....

Ouvi que: — "era uma vez" — de uma tapuia o canto
Os guerreiros de toda a tribu enamorou,
— E ella para fugir a tanto amor, a tanto,
Num passarinho se encantou.

E eis porque, se gorgeia e a delicada pluma
Ergue por sobre o humido paul,
Asas de côres mil, em cortejo, uma a uma,
Ruflam, seguindo-o pelo azul.

O BOTO

(LENDA)

A Mario Linhares.

... e ha quem veja, á noite, o boto deixar as solidões das aguas, transformar-se em D. Juan para conquistar todas as "cunhans" e as "cunhantans" que o encontram.

Contam veio de alem, em velhos tempos idos,
Nos bons dias de outr'ora,
Joven guerreiro loiro, olhos meigos, doridos,
Na voz um canto jovial de aurora.

Era bello demais e a todas as mulheres
Fez promessas gentis, enganou, seduziu...
Bem-me-quer!... Mal-me-queres!...
A todas repetiu.

Vendo-o, a branca Yara, fascinada,
Jurou prendel-o ao seu amor...
No mais fundo do rio, num palacio de fada,
Transformando-o num peixe ou numa flôr...

Teceu de mururé todo o crystal do rio,
E a placidez do leito alcatifou...
E enganosa, fallaz, deu ao moço um amavio
E elle num bôto, para sempre, se encantou.

....

Inda hoje, ha quem veja, á luz do plenilunio,
Dentre as moitas em flor, nos igapós,
Deixar o bôto o lugubre infortunio,
Num moço loiro transformar-se após...

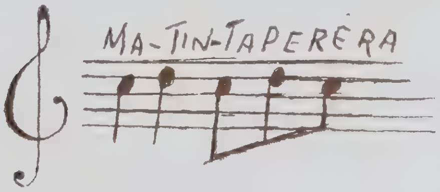
E sorrateiramente, as frinchas das janellas,
Vae olhar, perscrutar...
— Surprehender o somno das donzellas
E um beijo lhes roubar.

Matintaperêra

(Lenda)

Ao maestro J. Octaviano.

... e é uma velhinha, só com uma perna, que á noite, se transforma em um passarinho, pelos telhados a cantar :



No mysterio da noite o passaredo
Num sonho azul de lua adormecera...
Quem canta assim, baixinho, a medo,
Por entre as sombras do folhedo,
Ma-tin-ta-perêra ?...

Ouvi dizer que é uma velhinha
Que sortilegios tem na voz, no olhar,
Alma penada, alma sózinha
Que se transforma em avezinha
Pelos telhados velhos a cantar.

Quanta vez, se me lembro... (E que immensa saudade...
Tempo doirado que acabou!...)
Nas horas tristes da Trindade,
Na minha pueril ingenuidade
A Matintaperêra me assustou.

Lobishomem gentil de mavioso canto,
Aligero e veloz,
Cheio do sonho e do encanto,
E do carinho e do quebranto
Que todas as Mães-Pretas têm na voz...

....

— "Dorme, dorme meu menino,
Por ti a Mãe Padroêra.
Vae-te embora ao teu destino,
Deixa em paz o meu menino,
Foge Matintaperêra."

A BOIUNA

(Lenda)

A cobra-grande, a boiuna, mãe das aguas, á noite, illumina os remansos do rio com a phosphorescencia dos seus grandes olhos coruscantes.

Transforma-se em montarias e veleiros, para illudir os incautos, descendo silenciosa a torrente dos igarapés...

E ai de quem se lhe aproxima da forma enganosa! — Arrebatado ás regiões do fundo, nunca mais retorna.

Da Amazonia aos confins, pelas caudaes gigantes,
Nos rios, nos paranás, nos igapós, nos furos,
Onde tudo varia em mutações constantes,
Desde o genio lendario á vida dos anuros :

Ao vir da noite, em solidão immensa,
Entre as frondes da selva e as estrellas do ar,
Surge um monstro disforme, uma serpente, e é crença
Que ella despede chispas pelo olhar.

E' a cobra-grande e chamam-na boiuna,
E' a mãe das aguas — tetrica, mendace
— Que se transforma ás vezes numa escuna,
Que mansamente o largo rio singrasse.

De outra feita, tambem, nos arvoredos,
Entre os cipós, as folhas e as lianas,
Imitando dos ventos os segredos,
Se esconde pelas verdes canaranas.

E' sempre o genio mau, que arrebata a outros mundos,
Os guerreiros que vão perseguil-o debalde,
E adormece, de dia, em palacios profundos,
De vidrilhos, crystaes, de madrépora e jalde.

MATUPÁS FLORIDOS

VICTORIA - REGIA

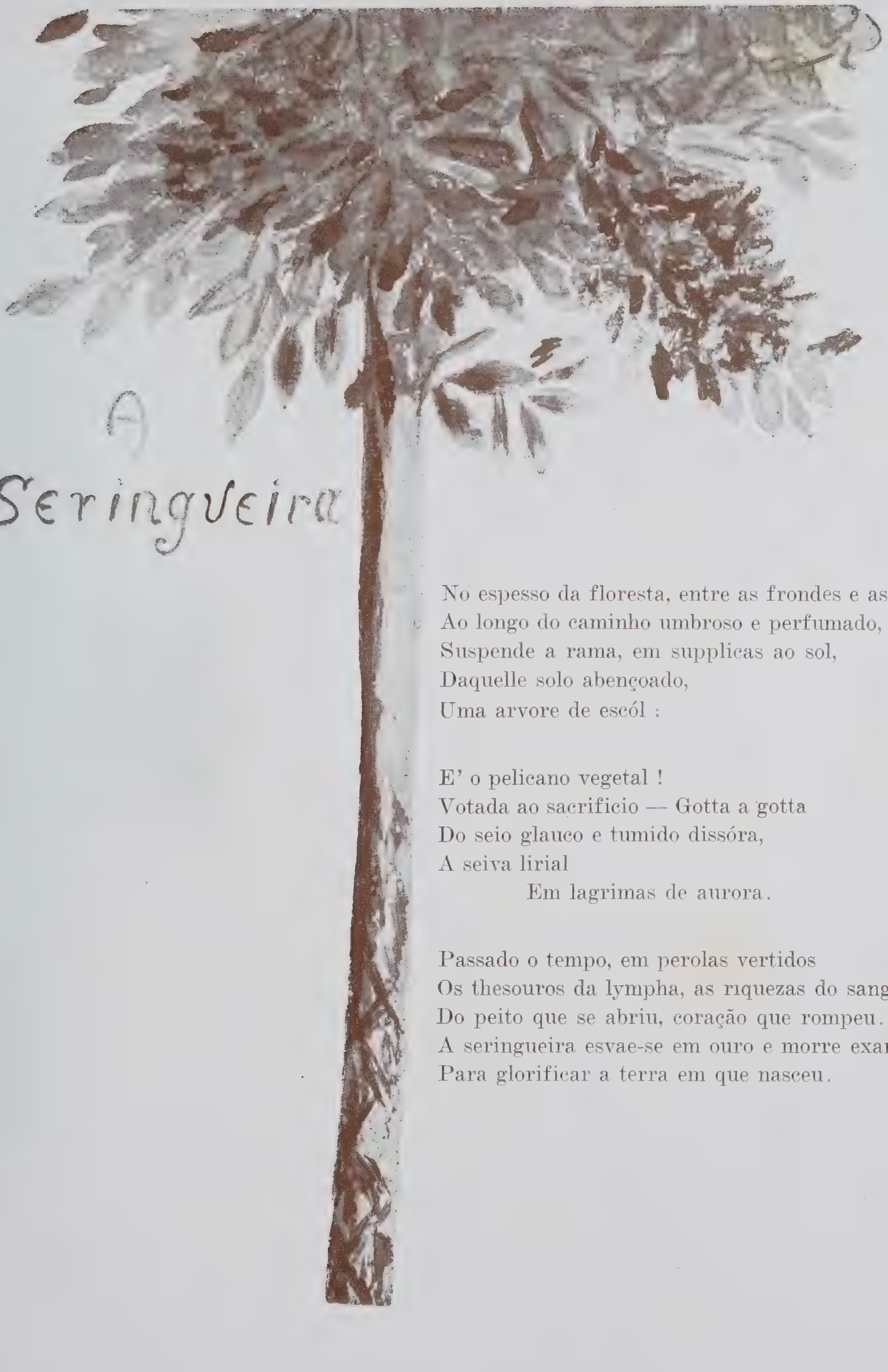
Por entre os aningaes e os matupás boiando,
Aos ultimos listrões do sol, nos igapés,
De neve se enflorece, o brejo embalsamando,
A regia flôr das nymphas e aguapés.

Sobre as salvas de jalde e os charões de esmeraldas
Emerge da Amazonia a joia vegetal,
Diadema de espumas congeladas,
Para adornar a noite tropical.

No escuro do igapó, soturno e lutulento,
Modesta e virginal, beirando o alluvião,
Abre os seios de noiva aos astros e ao relento
Daquella immensa solidão !

Ella vive no rio, como nos ceos a estrella:
Noivando a sós, sem amor, sem um beijo...
E ao vir, risonho, o sol, surprehendel-a
— Morre de pejo...

E ao meio dia, vê-se
A regia flor, em profusão, lembrando
De garças de setim um bando que morresse
E fosse, entre o aningal e os matupás, boiando.

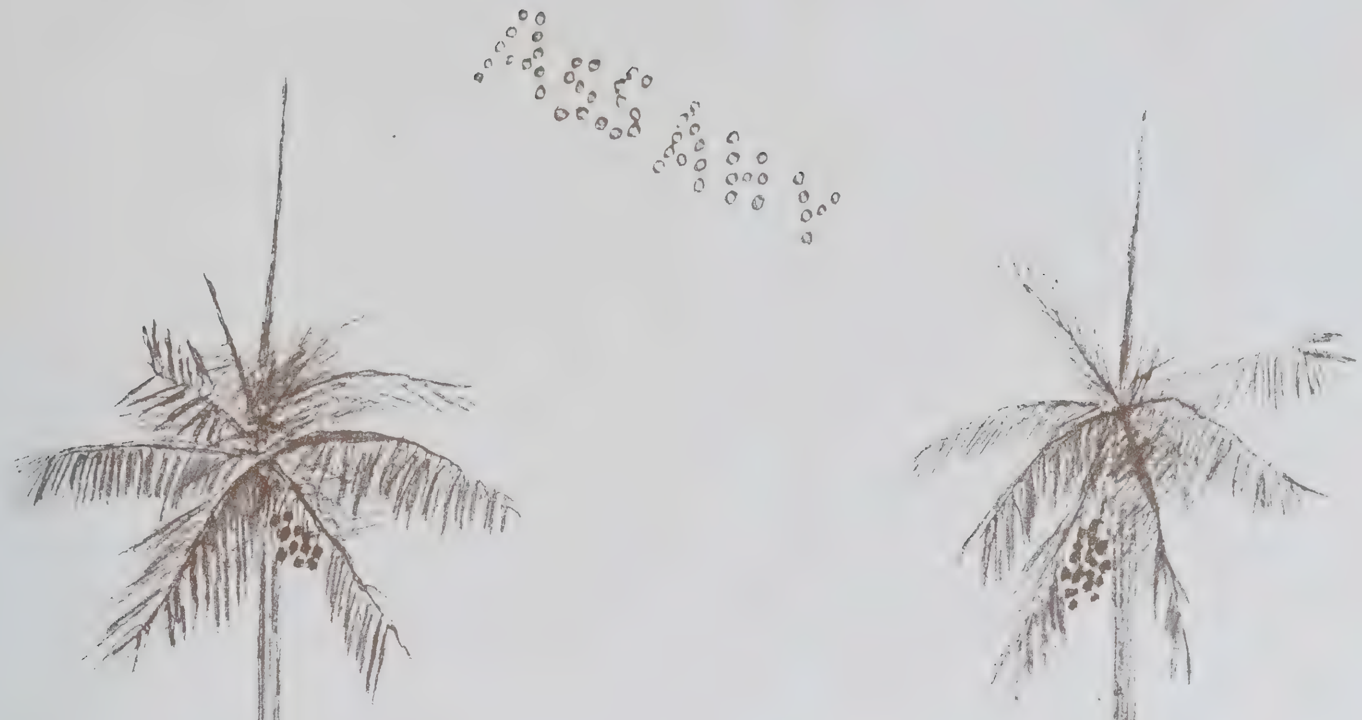


A Seringueira

No espesso da floresta, entre as frondes e as folhas,
Ao longo do caminho umbroso e perfumado,
Suspende a rama, em supplicas ao sol,
Daquelle solo abençoado,
Uma arvore de escól :

E' o pelicano vegetal !
Votada ao sacrificio — Gotta a gotta
Do seio glauco e tumido dissóra,
A seiva lirial
Em lagrimas de aurora.

Passado o tempo, em perolas vertidos
Os thesouros da lympha, as riquezas do sangue,
Do peito que se abriu, coração que rompeu...
A seringueira esvae-se em ouro e morre exangue
Para glorificar a terra em que nasceu.



Aos zimborios da matta ergue o talhe, em porfia,
Para daquelles céos gozar todo o esplendor,
O porte senhoril de uma palmeira esguia,
Doirada ao sol candente do Equador.

Vêl-a dá-me a impressão symbolica de um mastro,
Que desfraldasse, impavida e altaneira,
Para brilhar no azul, como se fôra um astro,
A minha bandeira !

E ao ouvil-as cantar — palmas soltas ao vento,
Semelhando o adeus de um lenço pelo ar...
Ouço em minha alma o choro de um lamento
A chamar ! a chamar !

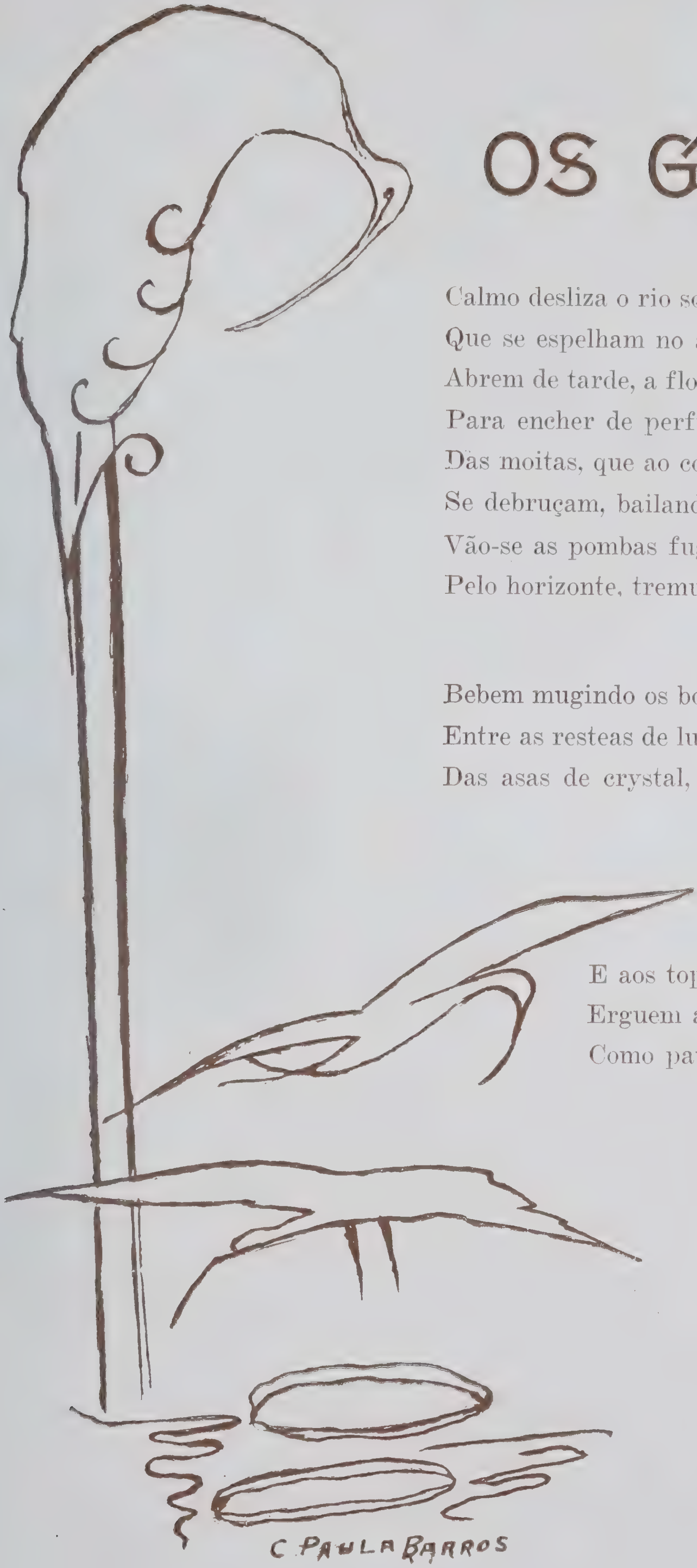
Nesses sonhos de fé, irisando as pupillas
Gratos e alviçareiros :
— Brilham, rubras de luz as verdes chlorophyllas
De assahyseiros !...

E' a saudade a rever meu tempo de criança,
Terra longinqua em que nasci!...

....

Tão distantes de mim,—mas sempre na lembrança,
Palmeiras de assahy !

OS GUARÁS



Calmo desliza o rio sob as copas frondosas
Que se espelham no azul da torrente veloz.
Abrem de tarde, a flor, as nimphas como as rosas,
Para encher de perfume os verdes igapós.
Das moitas, que ao correr das aguas remansosas
Se debruçam, bailando as ramas e os cipós,
Vão-se as pombas fugindo, em curvas vagarosas,
Pelo horizonte, tremulas e sós.

Bebem mugindo os bois. Ha zumbidos de abelhas
Entre as resteas de luz da estrada, a vidrilhar
Das asas de crystal, phosphoricas centelhas...

E aos topasios do sol morrente, a se apagar,
Erguem alto, os guarás, as plumagens vermelhas
Como papoulas soltas pelo ar.

O PEIXE-BOI

Manhã de sol, doirada e tropical.
Horizontes de purpura e carmim;
E o manso igarapé todo em ouro candente,
Se espraia no verdor do flórido capim.

Entre as victorias regias, que o sereno
Da noite enfloreceu, pelo brejal,
Surge á tona, boiando, estatico e disforme,
Um dorso colossal.

De quando em vez sobre o crystal das aguas,
Negra fauce, taurina, entre as flores emerge.
E o perfume das nymphas aspirando,
Nas aguas, novamente, submerge...

Bem mais parece um ser desses contos lendarios,
Um encantado principe, que foi
Pelos genios crueis, transfigurado
Num Peixe-boi.

O PURAQUÉ

(Peixe electrico)

A' sombra de um charão de jalde, "bubuiando",
Da beira do igapó, no intrincado aranhol,
Ao meio do aningal, passa, de quando em quando,
Nos rhizomas das margens, colleando,
O Puraqué, para fugir ao sol...

O dorso anguilliforme e luzidio,
Escorrega ao sabor da flacida torrente
Correndo, crystallina, para o rio...

Elle tem, como um deus, disposto ao seu talante,
As correntes do raio em vibração fatal...
Sentinella, talvez, da Yara, em outros mundos,
Em palacios lendarios e profundos,
Feitos de vidro e de coral...

E dizem que, ao roçar, quando elle quer, de leve
Nos cipós dos brejaes pelos enredos,
Placidamente e sem rumor,
Faz vibrar e cahir dos altos arvoredos,
A folha, o fruto e a cataléa em flor.

TE-TÉO

Nos campos de Marajó

Rondando a casa antiga da fazenda,
Sobre o "têso" do campo, anda o luar de prata.
E aonde o olhar percorra e se distenda
Não alcança, siquer, uma borda de matta.

Dorme o folhedo e a casa triste e enorme,
Sobre os altos espeques construida,
Branca e silente entre mangueiras, dorme
Qual uma ermida.

Treme e desmaia a luz dos candieiros !
E' a madrugada despontando além...
Resonnam ainda todos os vaqueiros,
Na doce paz das almas que elles têm !

Andam a correr visagens lá por fóra,
Nos cruzeiros da estrada...
E antes de vir a aurora
Quem vae juntar a malhada ?...

Perturbando, porém, esse recolhimento,
O silencio que embala a terra e o céo
— Num subito momento
Ouve-se um grito de te-téo;

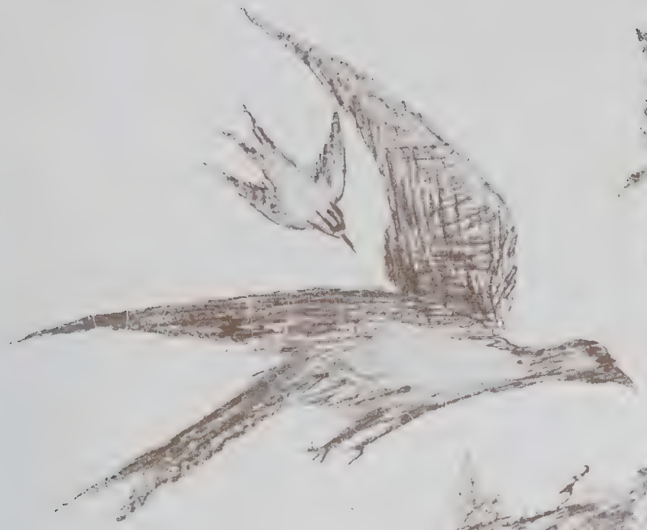
Ergue-se estremunhado o guarda da fazenda:
— Teteo, gritou!... Viu alguem!...
Tudo é silente ! E elle imagina a lenda
De almas que os bichos, como a gente, vêm.

E o centauro do campo... eil-o medroso! Vêde
O homem de aço, a tremer, a rezar...
Volta a correr, na "varanda" da rede
A cabeça a occultar !...

....

Brilham no azul os ultimos luzeiros,
Rasga a manhã, festiva e tropical,
Dos ranchos sae a tropa dos vaqueiros
Para ordenhar o gado no curral;

Eis que transpõe cancellas, na porteira,
Um viandante que chegou...
... Diz o vigia — em phrase prasenteira :
Bem o te-téo annunciou !



O GAVIÃO
E O
BEMTEVI

Plumas ao vento ! Demandando espaços
As vigorosas rêmiges no azul,
Num largo gesto de dois braços
          Sobre o paul.

A tarde de ouro a natureza abrasa
Em sanguineos listrões;
Entre os raios do sol volita uma asa
          Em circumvoluções :

E' o gavião real que o vôo assume,
Senhor féro e brutal,
Para prender uma avezinha implume
          Na rapina infernal.

Quedam-se os ninhos do arvoredo,
As asas tremem de pavor,
Os corações vibram de mêdo,
Todas as mães lhe têm rancor !

E eil-o que, a descrever geometricas espiras,
Num agoureiro estridulo confrange;
Qual se nos céos, de opalas e saphiras,
Da morte rangesse o alfange...

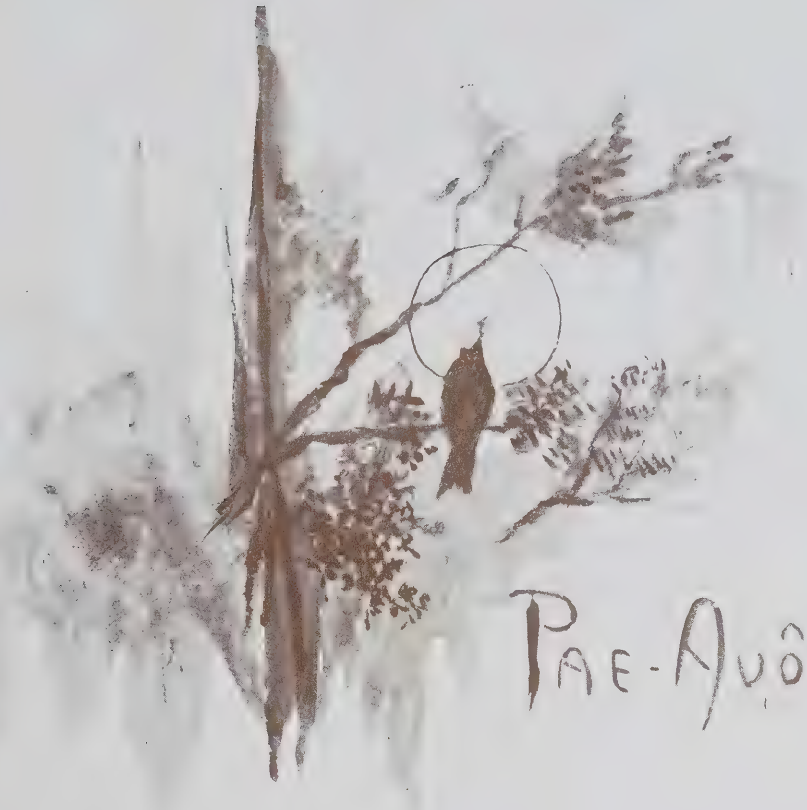
.. Porem, rasgando o anil, aligera avezinha,
Do rapineiro em direcção,
Pouco maior que uma andorinha,
Enfrenta o gavião.

Quem seria capaz, vendo-o tão rude e forte,
Suppol-o acovardado,
Ante o franzino porte
De um "bemtevi" doirado?!

E mais ligeiro agora — ergue no espaço a pluma,
Baixa em seguida e torce e vira e arqueia...
E o bemtevi, seguindo-lhe, uma a uma,
As caprichosas curvas, voluteia...

E vae-se de roldão, tangendo o aventureiro
Até que o vigoroso dorso se lhe abata
Entre as silvestres moitas de um balseiro,
Na recondita matta.

Pouco tempo depois — o ouro da tarde abrasa
Em sanguineos listrões...
Não vôa mais aquella asa
De tantas maldições !



Pae-Avô

Sempre que o plenilunio enche os ceos de saudades
Mal se extinguem da tarde os ultimos rubis,
Lembro da Minha Terra os campos e as herdades
Entre mangueiras velhas e assahys.

Campos longinquos ! vagas silhuetas
De bois, apascentados, somnolentos...
Frades rezando, anachoretas
Psalmodiando os seus lamentos.

Dos ranchos de sapé, com a sanfona e a vióla
Em repassada afinação,
Nas modinhas, simplissima se evóla
A alma do sertão.

E repontando os bardos violeiros,
Um passarinho negro, vem cantar...
Parece que já viu tantos janeiros,
Que encaneceu a fronte de luar.

Menestrel dos sertões, canta, de quando em quando;
Como um velhinho bom, elle diz — Pae-Avô!...
Para ouvir responder: — (Crianças cirandando)
"Pae-Avô, Pae-Avô — Farinha j'acabô"

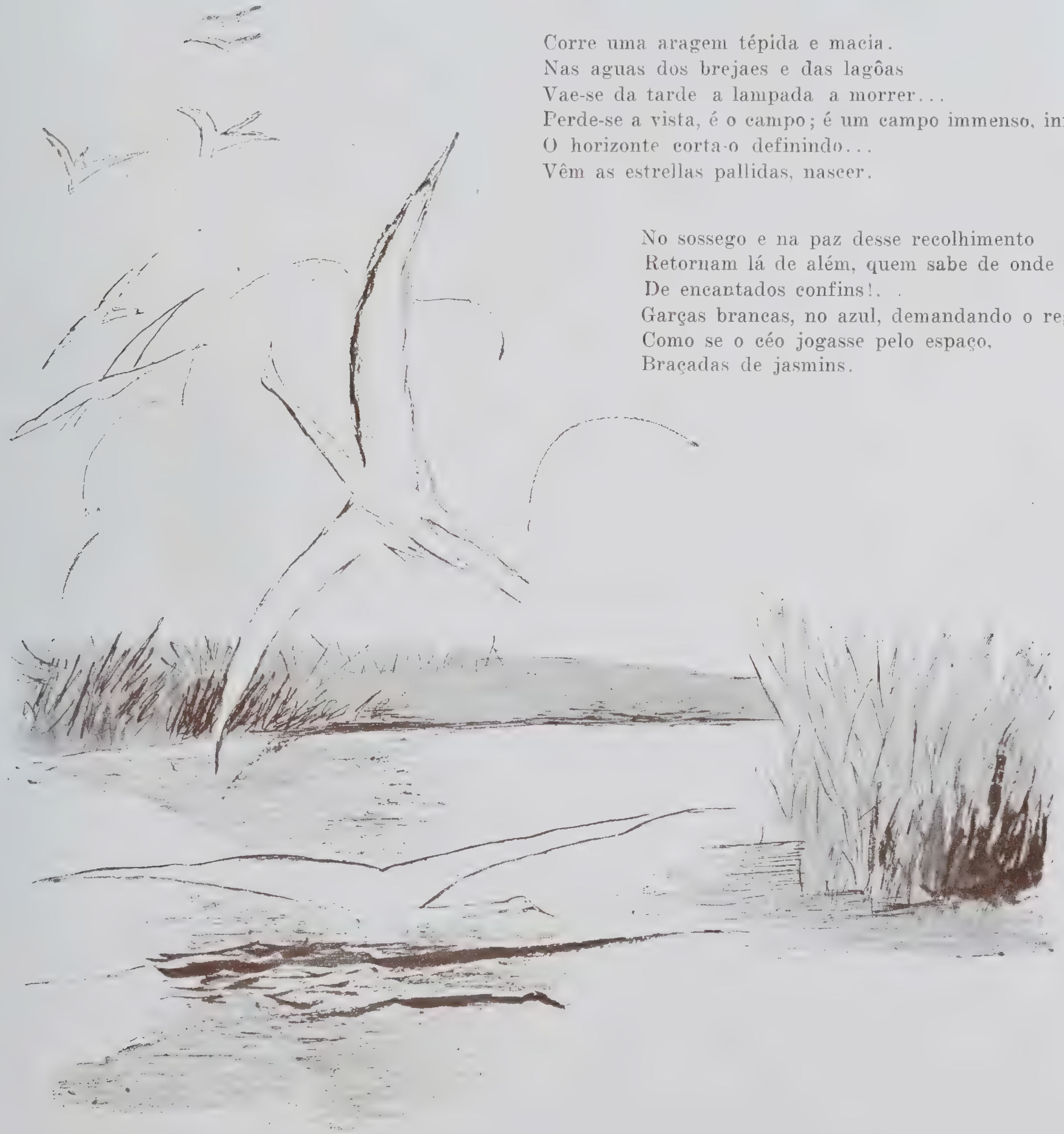
AS GARÇAS

A Lucio Mello

Quando de tarde, somnolentamente
Desce o ouro do céo, (tardes da minha terra!)
Sobre os campos e o rio,
Voltam de longe os bois, mugindo, pachorrentos,
Cabeça erguida em supplicas, lamentos,
Malsinando o rigor do prolongado estio.

Corre uma aragem tépida e macia.
Nas aguas dos brejaes e das lagôas
Vae-se da tarde a lampada a morrer...
Perde-se a vista, é o campo; é um campo immenso, infindo,
O horizonte corta-o definindo...
Vêm as estrellas pallidas, nascer.

No sossego e na paz desse recolhimento
Retornam lá de além, quem sabe de onde ?
De encantados confins!. .
Garças brancas, no azul, demandando o regaço,
Como se o céo jogasse pelo espaço,
Braçadas de jasmins.



Artabyra

A. Thompson Motta

ARTABYRA, o gentio, guerreiro de uma estirpe
Dos antigos Barés, forte, robusto e moço,
Pelos invios sertões, numa tarde partira,
Aos sons da inubia e do trocano e o alvoroço
Da tribu que acclamava as glorias de Artabyra.

Em regia ubá por cem homens remada,
Das pás de jacumã a linha se refracta,
Descendo o remansoso igarapé,
Singrando os furos, bordejando a matta,
Pelo estendal do mururé;

Rasgando os matupás e os aningaes fendendo,
As ramas e os cipós os galhos e as lianas:
Em gorgolões de espuma a guarnição de escol,
Abre do brejo as canaranas
E, ênea, reluz a tez doirada ao sol...

Murcham no espaço as rosas do poente...
— Que sonho indefinido, immenso e vago,
Brilha no olhar esquivo de Artabyra ?...
Como uma nuvem que namora o lago,
Pelas manhãs de ouro e de saphira...

Que pensamento atormentar parece
Do guerreiro gentio a fronte altiva ?...
Olhos perdidos pela noite calma...
Busca de um astro a lampada furtiva
Para aclarar o sonho da sua alma.

Sonho feito de amor, no escrinio da saudade,
Sonho, que um outro sonho recordava:
Quando a Yaci brilhou na taba de Yporan,
— E ella entre rosas de agua mergulhava
Procurando no lago o seu muirakitan.

Tinha no olhar (olhar verde e suave)
As promessas azues que tem o sol do estio,
O crystal do igapó, as limpidas miragens...
Tinha abysmos sem fim, tinha as sombras do rio,
Nas grandes cerrações das gelidas friagens.

Quem sabe, ella seria a "boiuna", a mãe d'agua,
Nalgum "jurupari", enfeitiçada,
Sobre as folhas deitada, pelo chão...
E o seu beijo a frecha hervada
Que lhe ferira o coração !

Como estava distante aquella noite !
Aos madrigaes do irapurú em prece,
Ao sorriso do encanto da manhã,
Yporan a dizer: — Se uma filha tivesse,
Artabyra teria o seu muirakitan !

E agora, quando a noite estrellejada
Cae sobre o campo e sobre os igapés,
Na saudade e na dôr de repassadas maguas,
Entre victorias-regias, mururés,
Surge Yporan sorrindo a flux das aguas...

Fita-o, abre-lhe os braços como a Yara,
Num desejo febril de apertal-o e de ungil-o
De beijos, como outr'ora...
Postos nos seus os olhos de beryllo
De indefinida aurora.

Mostra-lhe o labio e o seio entumecido,
Acena-lhe a sorrir...
A cabelleira immensa se destouca,
Na ansia de sentir
Um beijo em plena bocca !...

....

E nas sombras da noite tropical,
Da negra ubá o rostro luzidio,
Esfumado nas dobras do aningal,
Sumiu-se pelo rio...

CANTO II

— "Quem és ?
Artabyra ?..."
"Não sei bem se sou eu, já tão desfeito e exangue,
Dos caminhos mais invios através,
Trago, como bem vês, em sangue
Os macerados pés;

E o coração e a alma em sobresaltos;
A carne dolorida,
Arrancado o cabello e a mascara da face
Em horrida ferida,
Como se a maldição por sobre mim pairasse !

Tenho o dorso a sangrar,
Lacerada a epiderme,
E o meu braço fatal enrijecido e forte,
Eil-o partido, inerme !..
E um desejo febril de semear a morte !
Meus guerreiros de escól, os melhores da grei,
Perdi-os, nobremente,
Um a um, como um deus despedindo em torrente
O raio, a dizimar uma tribu valente...

Clavas zunindo no ar, membros em contorções,
Furias de vendaval no perpassar das frechas,
Cocares a partir, quebrar de diademas,
Escancaradas brechas
De ensanguentadas tangapemas !

E a floresta a tremer ao clangor do trocano,
Da inubia, do napy, das sapopemas,
Dos maracás e das borés...

E aos braseiros do sol
Meu olhar coruscando...
— Era o odio a rugir,
Na bocca espumejando
Raivas de sussuarana e de tapir !

Foi a luta feroz:
De surpreza apanhado
Com um pugillo de heroes, contra os mil de uma clan
— E face a face ! Peito a peito ! Lado a lado !
Lutei, esbravejei — mais forte que Tupan !

Cranios fendi, braços estilhacei,
Duas vezes parti os nós da mussurana,
E o terror espalhei,
A golpes de tacape e de zarabatana!...

Por tudo que me ouviste
E pela fé com que a minha alma o descreveu,
Já bem vês que sou eu !

E aqui, preso a teus pés,
Aturdido e prostrado,
O meu braço fendido lado a lado,
Juro em face dos ceos — O' Manitós ouvi :
— Inda posso lutar,
Vencer e dizimar
Outra tribu por ti !

E foi o teu amor,
A saudade cruel do teu olhar,
A lembrança da noite que passou
A cantar,
E nunca, e nunca mais voltou...

Parti — triste e sozinho dos teus beijos,
Vendo-te em tudo... E que infinita magua,
Que incontidos desejos,
Si os teus olhos eu via olhando os olhos d'agua !

Ouvia o teu segredo — era o chorar do vento
Que trazia a gemer, de longe, o teu lamento.

Quantas noites, a sós,
Julguei tão bem ouvir
Cantar a tua voz !
E depois, a sentir,
A' flor de minha retina atormentada,
A lagrima cahir
Luminosa, irisada..."

"Choraste, então ?"
"Não !
Que a lagrima gentil, profunda e crystallina
Que traduz o amor, que traduz a saudade,
E' a lagrima do heróe,
E' a lagrima divina !

O covarde não tem o encanto e o sentimento
De ungir no coração,
Como no prisma azul de um limpido crystal,
A lagrima de amor, o beijo, a inspiração,
A nobreza e o ideal !...
E foi por teu amor,
Foi por ti, Yporan !
Que as minhas carnes rasguei na luta que venci..."

— "E déste-me uma filha,
Dou-te um muirakitan !..."
— "E o teu amor ?..."

....

— "Foi como a flor do rio
— Que se descerra á noite
E morre de manhã".

ESTE é um livro de amor. Ditou-o a saudade da terra natal, longinqua. Moldado em estylo regionalista, aferrado de principio a fim á gleba da Amazonia, não foi esse, no entanto, o sentimento que o presidiu. Escrevi-o com o intuito sadio de mostrar e cantar em versos de construcção singela e facil, alguma cousa de Minha Terra — o Pará, tornando-a melhor conhecida no seu *habitat,* no que lhe é mais caracteristico, nos seus encantos, na poesia mysteriosa de suas lendas, sem dizel-a melhor que as outras.

E, assim, diffundindo alguns dos vocabulos usados naquella região, concorrer com o meu átomo para a perpetuidade do nosso idioma, admiravel de opulencia e belleza. Sem o intercambio, de norte a sul, do vocabulario peculiar a cada zona, se me afigura certo, pelo influxo extrangeiro, pelas mutações constantes da linguagem e por outros factores resultantes do proprio meio, dar-se-á a formação de varios dialectos, primeiro passo para a desaggregação da Patria que desejamos eternamente una, imperecivel.

Parecendo encaixado em ferreo circulo, na exclusividade do torrão natal, mais amplo foi no entanto meu objectivo, de ordem mais geral.

Intitulado Muirakitans, isto é, talismans, baptizei-o assim lembrando-me que os motivos da Amazonia, embora cantados sem o brilho real e que me esforcei por exprimir, são contudo, pela sua propria côr nativa, talismans para o sonho magnifico daquillo que é nosso.

Muirakitans era a pedra amuleto, que segundo a versão, as Amazonas, recebiam da mãe das pedras verdes, á luz do plenilunio, na noite das festas de amor, para offertal-as, mais tarde, aos guerreiros de quem tivessem concebido uma filha, como um talisman e um symbolo de alta linhagem.

Era, portanto, um signo de fecundidade, por esse facto em si, como tambem pela côr, em geral verde — os de jade, e o burilamento, como se pode observar no que serviu de modelo ao "ex-libris" e se encontra na collecção do Museu Nacional, catalogado sob o numero 19456 — larva de rã.

Muirakitan significava, ainda, a virtude, a pujança, a força, a nobreza, a coragem e até a saude, pois era a pedra nephritica, cuja acção therapeutica se dizia notavel, possuindo finalmente, o magnetismo encantador das cousas lendarias.

Foi lembrando esse conjuncto de predicados de tão grande valia que a meu livro chamei muirakitans — não, é claro, coroando a minha arte, mas considerando tudo o que procurei realçar.

Quanto á decoração, executei-a eu mesmo, despretensiosamente, sinceramente. Desenhos debuxados de memoria, trabalhei por imprimir-lhes o traço indelevel da verdade.

São campos marajoaras, recantos de igarapés que eu vi, passaros cujas espiraes maravilhosas de graça acompanhei, ninhos como os de japiim, na illustração da pagina "Gavião e o Bemtevi" e que me deslumbraram pelo encanto e multiplicidade, scenas que desfructei no ambito augusto daquella natureza tumultuaria, ainda em formação geologica, bella e fecunda, rutila e sadia.

E para mostrar alguma cousa da antiga civilisação indigena, no valle do Grande Rio, tirei-lhe e estylizei das ceramicas primorosamente lavradas, as letras e os desenhos que ornamentam o frontal deste livro, reproduzindo, fielmente, na pagina ARTABYRA, a photographia de um exemplar precioso, daquella olaria magnificente em que o nheengahiba, no ornato dos seus pucaros e alguidares, dos potes e das igaçabas, dos seus idolos e amuletos, escreveu a mais bella pagina de uma historia que ficou perdida nos mysterios do tempo.

ELUCIDARIO

ACAPU' — arvore, madeira rigissima propria para construcções.
AGUAPE' — nympha aquatica da mesma familia da victori-regia.
ANINGA — planta aracea de folha cordiforme.
APUHYSEIRO — ficus fagifolium, parasita gigante que espartilha e mata os mais possantes especimens da selva.
ARAPONGA — ave notavel pelo seu canto metallico.
ASSAHY — o mesmo que jussara, palmeira. Euterpe Oleracea Mart. e Euterpe Precatoria Mart, de cujos frutos é feita uma bebida grandemente apreciada e de uso diario.
BOI-BUMBA' — especie de cordão carnavalesco em que vae um personagem phantasiado de boi. E' usado nas festas de S. João e algumas vezes no Natal.
BOIUNA — ou boiona, em tupy boiuna — cobra preta. Genio phantastico e multifario. E' a mesma cobra grande.
BORE' — instrumento musico indigena.
BÔTO — mamifero cetaceo da familia delphinidae, sobre o qual correm varias lendas.
CAIÇARA — construcção de madeira, ribeirinha, para embarque de gado.
CANARANA — planta da familia das gramineas.
CASTANHEIRO — arvore. Bertolecea Excelsa.
CIPO'-CATINGA — cipó cuja maceração produz agradavel perfume.
COBRA-GRANDE — sucurijuba ou sucuriuba, bôa da agua, boiuna.
COCAR — pennacho.
CUMARU' — arvore da familia das leguminosas, de cuja fava é extrahido um oleo finissimo, de alto preço pelo seu valor medicinal.
CUNHÃ — mulher — cunhatã — mocinha, menina.
CURUPIRA — demonio da floresta.
EMBIRA — fibra.
ESPEQUE — esteio.
ESPIRITOS DO FUNDO — dizem dos encantados na agua.
FURO — canal communicando rios ou lagos.
GANZA' — chocalho.
GARÇA — ave pernalta de bellissima plumagem branca. Ha tambem as de cor cinza denominadas — morenas.
GAURA' — ave pernalta de cor vermelha.
IGAPE' — pequeno riacho.
IGAPO' — alagadiço.
IGARAPE' — ribeiro, riacho.
INGA' — arvore leguminosa.
INUBIA — instrumento de musica indigena utilisado na guerra.
IRAPURU' — ou uyrapuru', ave da familia troglotitha-leucolepia musica — a qual, segundo é corrente, tem o canto tão mellifico que attrahe todas as outras que a escutam. Emprega-se, tambem, para as pessoas ou cousas que tem o condão de agradar — "Ter irapurú" — attrahir. O passaro desseccado attinge alto preço por ser considerado um talisman.
JACUMÃ — remo de pã arredondada e punho curto.
JAPIIM — ave-yapira em Matto Grosso, checheu, no nordeste.
JIQUIRI — arbusto.
JURUPARY — ou yurupari genio lendario indigena.
LAPINHA — presepe.
MÃE D'AGUA — Yara.
MÃE DA LUA — ave de canto lugubre e agoureiro.
MALHADA — boiada.
MAMORANA — arvore.
MANITU' — o mesmo que manitó, divindade do matto.
MATINTAPERÊRA — ou Matintapereira, pequeno môcho do qual se contam varias lendas.
MATUPA' — touceira de capim a tona dos rios e dos lagos.
MONTARIA — canôa pequena.
MUIRAKITAN — talisman — pedra verde das Amazonas, amuleto de jadeita ou jade a que se attribuem varias virtudes, inclusive a de curar as molestias renaes, por isso tambem conhecida como pedra nephritica das Amazonas sobre a qual têm sido feitos interessantes estudos scientificos e curiosas lendas.
MURURE' — planta aquatica.
MUTUM — ave gallinacea, ventriloqua.
PAE-AVÔ — pequena ave marajoara, de plumagem preta e cabeça branca. Canta em noite de luar.
PAU-D'ARCO — arvore. Tecoma A.p. de cerne durissimo.
PARANA' — braço de rio.

PEIXE-BOI — mamifero-Sirenio de familia trachichidoe, notavel pela carne e a fauce semelhante a do boi.

PURAQUE' — peixe electrico-Gymnotus electricus, enguia electrica, cujo potencial é bastante forte, chegando por vezes, segundo se affirma, a causar damno.

SACI — genio maligno.

SAPOPEMA — ou palheta raiz em forma de grandes taboas — bater sapopema — tirar son da mesma.

SUMAUMEIRA — arvore — Ciba pentandra Gartn. familia das bombaceas, é dos maiores gigantes da selva amazonica.

SUSSUARANA — onça do Brasil.

TACAPE — clava indigena — de madeira rigissima. Era arma dos chefes.

TAJA' — tinhorão.

TESO — elevação de terreno.

TE-TEO — ave marajoara. Vive em volta as habitações. Tem um agudissimo sentido que lhe permitte annunciar os caminheiros quando ainda a grande distancia, mesmo á noite.

TIMBO' — cipó entorpecente com o qual fazem pescaria açoitando com elle a agua dos igapos, pela propriedade que tem de, assim, entontecer os peixes.

TROCANO — grande tambor de guerra indigena.

TUCUM — palmeira — Astrocarium Sp cuja fibra serve para fazer maqueiras (rede) e outros usos.

URUCURI — palmeira. A semente serve para defumar a borracha.

UBA' — grande embarcação feita de um só tronco, propria para a guerra.

VARANDA — sala de jantar. Varanda de rede — franja da rede.

VICTORIA REGIA — planta aquatica de admiravel flor branca, em algumas regiões é tambem conhecida como aguapé.

YACI — ou jaci — a lua.

YARA — ou oyara mãe d'agua, entidade lendaria que preside as aguas.

ZAGAIA — pequena lança.

ZARABATANA — arma indigena de arremesso.

NOTA — Seguindo a pronuncia regionalista contei o substansivo "rio" com uma unica syllaba.

INDICADOR

Pags.

Muirakitans 5

A TERRA

As Florestas 13
Os Campos 17
Os Rios 19

O HOMEM

As Duas Forças 23
A Enchente 27
Natal 29

AS LENDAS

O Curupira 35
Flor do Igarapé 39
Irapurú 41
O Boto 45
Matintapêrera 49
A Boiuna 53

MATUPÁS FLORIDOS

Victoria-Regia 59
A Seringueira 61
Assahy 63
Os Guarás 65
O Peixe Boi 67
O Puraqué 69
Té-teo 71
O Gavião e o Bemtevi 75
Pae-Avô 79
As Garças 81
Artabyra 83

UNIVERSITY OF ILLINOIS-URBANA
Q. 869.9 P2835M C001
Muirakitans : poemas do paraiso verde /
3 0112 089719915